

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

© Vários autores, 2023

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

ORGANIZADORES

Clotilde Perez, Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Márcia Pinheiro Olhson

DIREÇÃO EDITORIAL

Kathia Castilho e Solange Pelinson

REVISÃO

Leoberto Balbino

PROJETO GRÁFICO E EDIÇÃO DE ARTE

Marcelo Max

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P146 PPGCOM USP 50 anos : entre o passado e o
1.ed. futuro, nosso percurso / organizadores
Clotilde Perez...[et al.]. – 1.ed. –
São Paulo : Estação das Letras e Cores, 2023.

Outros organizadores: Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de
Lopes, Márcia Pinheiro Olhson.

ISBN : 978-65-5029-027-6

1. Ciências sociais. 2. Comunicação. 3. Pesquisa – Aspectos sociais.
4. Pós-Graduação. 4. Professores – Formação. I. Perez, Clotilde. II. Trindade,
Eneus. III. Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. IV. Olhson, Márcia Pinheiro.

03-2023/64

CDD 300

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais 300

Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129


Estação das Letras e Cores Editora

Av. Real, 55 – Aldeia da Serra

06429-200 – Barueri – SP

Tel.: 55 11 4326-8200

 www.estacaoletras.com.br

 facebook.com/estacaodasletrasecoreseditora

 [@estacaodasletrasecores](https://instagram.com/estacaodasletrasecores)

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

2023



Obra financiada pelo:

PROAP
Programa de Apoio à
Pós-Graduação



CCN **USP**
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

 **Estação
das Letras
e Cores**

Dos estudos de recepção infantojuvenil ao paradigma da educomunicação na Pós-Graduação da ECA-USP

Claudemir Edson Viana¹

Pesquisas de recepção infantil de mídia televisiva na ECA-USP

A Escola de Comunicações e Artes – ECA, da Universidade de São Paulo – USP, contou por mais de 30 anos com a atuação exímia da Prof^a Dr^a Elza Dias Pacheco², pioneira na instituição e no país com estudos sobre recepção infantil de TV, mídia e educação. Lecionou por muitos anos a disciplina de Psicologia da Comunicação para todos os discentes da ECA; fomentou projetos de pesquisa; orientou mestradados, doutorados e pós-doutorados com investigações relacionadas à temática e atuou fortemente no Programa de Pós-Graduação desta instituição; coordenou diversos seminários e congressos de grande sucesso; fez importantes publicações, e criou e coordenou o LAPIC

¹ Docente e coordenador pedagógico da licenciatura em Educomunicação, e docente-orientador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, ambos na ECA-USP.

² Para saber mais sobre a Prof^a. Dr^a Elza Dias Pacheco : <https://www.escavador.com/sobre/1547672/elza-dias-pacheco>

– Laboratório de Pesquisas sobre Infância, Imaginário e Comunicação (1996-2010)³, o qual promoveu pesquisas amplas e aprofundadas sobre a recepção infantil da mídia televisiva, sobre o imaginário, a comunicação e as culturas infantis, e também sobre questões referentes à interface entre Comunicação e Educação.

A perspectiva de estudos e pesquisas realizados pela professora Elza e seu grupo de pesquisadores (cerca de 12 pessoas) deu-se no contexto da compreensão sobre a Comunicação que a ECA-USP adotou no decorrer dos anos, desde sua fundação em 1966, ou seja, entendendo-se a comunicação como um fenômeno cultural complexo e amplo, que transpassa todas áreas da existência humana e que é entendida a partir da Teoria Crítica e dos Estudos Culturais desenvolvidos em alguns campos da Sociologia e da Comunicação, no decorrer da segunda metade do século XX. Tal compreensão foi sendo fortalecida pelos grupos de pesquisa e extensão cultural da ECA-USP, sobretudo a partir dos anos 1980, ao lado de outras vertentes teóricas de estudos sobre os fenômenos da comunicação, como o estruturalismo e o marxismo dialético e crítico, que foram se adensando na produção científica da Instituição.

A este contexto teórico foi se dando a congregação de fatores que favoreceram a importância das pesquisas e da docência sobre a relação Comunicação e Educação, como área e como objeto de análise. Foi fundamental a reunião de docentes pesquisadores de diferentes áreas (Sociologia, Arte, Linguagem, Produção Cultural, Midiática etc.), voltados aos estudos e às pesquisas sobre a comunicação, focados em questões, processos e resultados educativos, observados ou desejados, e por meio de práticas comunicativas existentes ou a serem promovidas. Muitos dos docentes da ECA-USP, especialmente do CCA – Departamento de Comunicações e Artes, tiveram experiência de sala de aula no ensino básico e buscavam, por meio de suas ações, colaborar para que a escola e a educação em geral pudessem ser renovadas a partir das descobertas e propostas advindas da universidade.

Isso levou a iniciativas importantes no decorrer da década de 1990, como a criação de núcleos, laboratórios e centros de pesquisa e

3 Para saber mais sobre o LAPIC: <file:///C:/Users/User/Downloads/36945-Texto%20do%20artigo-43483-1-10-20120808.pdf>.

de extensão, de modo a favorecer pesquisas e a divulgação científica sobre temas e problemas que pautavam o contexto social e acadêmico de então. Assim se deu com a criação do LAPIC e de outros grupos com o objetivo claro de abrir caminhos para ampliar e aprofundar a pesquisa sobre as práticas na interface Comunicação e Educação.

Outros importantes órgãos de investigação criados nessa época foram: o Centro de Estudos de Telenovela (CETVN)⁴, liderado pela Prof^a Dr^a Maria Imacullata Vasconcelos; o Núcleo de Comunicações e Educação (NCE)⁵, sob a liderança do Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares; a fundação da revista *Comunicação & Educação*⁶, liderada pelos professores Dr^a Maria Aparecida Baccega, Dr. Adilson Citelli, Dr^a Cristina Costa, Dr^a Maria Lourdes Motter, Dr^a Roseli Figaro, dentre outros. Esses fatores favoreceram fortemente a produção de conhecimento de ponta por meio de pesquisas e pelas ações de docência e extensão cultural, de modo a criarem o movimento de constituição do subcampo de estudos Comunicação e Educação nas Ciências da Comunicação desta Instituição.

Este foi um longo e disputado processo entre diferentes perspectivas e experiências promovidas, na ECA, pelos seus atores diretos (docentes, pesquisadores, discentes, direção e funcionários), pelas políticas e estruturas da universidade nas quais as ações promovidas pelos cursos, pelas pesquisas e práticas de extensão cultural aconteciam, bem como ainda outros fatores de contextos mais amplos e complexos, como o do nível de fomento em ciências e investimento no ensino público superior, e, especialmente, na área das Humanidades, que foram promovidos (ou não) pelos governos no período.

Foi nesse fértil e turbulento processo de pesquisa sobre o tema infância, mídia e educação existente na ECA-USP, que mergulhei, em 1996, quando iniciei Iniciação Científica no LAPIC, numa pesquisa integrada, financiada pelo CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento

4 Para saber mais sobre o CETVN: <http://www.cetvn.net.br/>.

5 Para saber mais sobre o NCE: <https://www.nceusp.blog.br/>.

6 Para saber mais sobre a revista *Comunicação & Educação* (Quallis A2): <https://www.revistas.usp.br/comueduc>.

Científico e Tecnológico, sobre “Televisão, Criança e Imaginário”⁷, e que estudou a recepção televisiva de cerca de 700 crianças entre sete e 11 anos, moradoras na cidade de São Paulo-SP entre 1997 e 1999. Daquele ano até 2010, estive dedicado às atividades do Laboratório, quando o mesmo foi fechado em decorrência do falecimento da professora Elza Dias Pacheco. Outra importante pesquisa promovida pelo LAPIC foi “O Desenho Animado na TV: mitos, símbolos e metáforas” (1999-2000)⁸ que estudou a interpretação que 350 crianças e pré-adolescentes faziam dos desenhos animados veiculados na TV aberta no ano de 1999. Disso resultaram publicações, seminários e outras pesquisas como as minhas de mestrado e doutorado.

Sendo eu discente do programa de Pós-Graduação da ECA-USP na área das Ciências da Comunicação, sob orientação da Prof^a Dr^a Elza Dias Pacheco, acabei por desenvolver no mestrado a primeira pesquisa científica sobre educomunicação ao analisar como pode se dar a inclusão de mídia comercial, como jornal impresso e um seriado televisivo, nas aulas apostiladas de História do Brasil do Ensino Médio, no contexto de uma instituição privada de ensino na cidade de São Paulo-SP (1998-2000). A dissertação é intitulada “O Processo Educomunicação: a mídia na escola”, e está disponível no banco de teses da USP⁹.

Tendo aproveitado os conhecimentos sobre infância e mídia, bem como a experiência com metodologias de pesquisa, em particular para os estudos de recepção infantil de conteúdos midiáticos, durante os anos de atuação no LAPIC, e como discente do programa de Pós-Graduação da ECA-USP, pude aplicar meus aprendizados na estruturação do meu objeto de estudo e da problemática em questão, que também resultaram dos quase oito anos (naquela época) de minha atuação como docente de História em três colégios (um público e dois particulares).

7 Além de relatórios e seminários, a referida pesquisa se desdobrou em livro publicado em 1998, intitulado *Televisão, Criança, Imaginário e Educação*.

8 A pesquisa também resultou num grande evento acadêmico promovido pelo LAPIC em 1998, que reuniu cerca de 800 pessoas nas dependências do auditório da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. E resultou num livro publicado em 2007 intitulado *O cotidiano Infantil Violento: Marginalidade e Exclusão Social*.

9 Dissertação de Mestrado, VIANA, C. E. O Processo Educomunicação: a mídia na escola (2000). Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27134/tde-02122007-214731/publico/mestrado2.pdf>.

Assim também se deu no doutorado, realizado na sequência, em que aprofundei a pesquisa sobre a relação de crianças do Ensino Fundamental I com jogos digitais em CD-Rom, muito popular na virada do século XX para o XXI, quando a capacidade da internet ainda limitava o uso de games on-line. O objetivo era entender aspectos importantes sobre as novas formas de brincar das crianças do novo século, suas maneiras de interagir com os jogos e entre si, seus modos de elaborar sentidos, e, no horizonte do problema da pesquisa, havia sempre a pergunta: A brincadeira com jogos digitais e o uso de internet promoviam quais aprendizagens? Ou: Que aprendizagens poderiam ser incentivadas? Foi um estudo realizado com 30 crianças, entre 8 e 11 anos, de uma escola particular da cidade de São Paulo-SP: alunos de duas turmas, uma da 3ª série e outra da 4ª série do Ensino Fundamental. Durante um ano, 2003, acompanhei momentos em que a turma descia até o laboratório de informática da escola, com computadores em rede e com equipamento apropriado, trazendo seus jogos preferidos em CD Rom para brincar por alguns minutos, e eu fazia, então, a minha pesquisa de campo com elas.

A investigação permitiu identificar práticas lúdicas, formas e conteúdos de aprendizagens que se davam nas brincadeiras das crianças e, quando de conversa tida com elas, a respeito dos sentimentos e sentidos atribuídos aos jogos digitais preferidos e sobre o ato de brincar com eles. O resultado principal até o momento foi a tese “O lúdico e a aprendizagem na cibercultura: jogos digitais e internet no cotidiano infantil” (2005)¹⁰.

Dentre os aspectos observados, destacou-se um conjunto de evidências sobre a prática das crianças para interagir com os jogos, com habilidades no manejo dos elementos dentro das regras estabelecidas pelo jogo, mas também havia muitas vezes em que elas não só burlavam as regras, como chegavam a se divertir ao fazer isso.

Quero dizer que, assim como nos demais contextos da pesquisa sobre a relação de crianças e mídias, ocorridos na ECA-USP até então, também no doutorado pude entender a criança como um ser

¹⁰ “O lúdico e a aprendizagem na cibercultura: jogos digitais e internet no cotidiano infantil” (2005). Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27134/tde-02102007-133619/pt-br.php>.

sócio-histórico-cultural, em interação com sua comunidade, ambiente no qual vive, e as conveniências sociais de que desfruta; ou seja, que a criança desenvolve continuamente a capacidade de aprender a aprender, aprender a conviver e a ampliar os seus conhecimentos, por isso a importância de um dos dois eixos da disciplina em questão, isto é, a cultura infantojuvenil, que denota uma cultura produzida para e pelas crianças e jovens, considerando aspectos diversos do que de complexo há na relação entre esses sujeitos e toda uma rede de outros agentes culturais e sociais. É o caso dos grupos familiares, religiosos, esportivos e escolares.

O sujeito criança/jovem não está isolado, ao contrário, está em pleno processo de ampliação da sua rede de relações com outros sujeitos e instituições e, cada vez mais, de forma ampla, aberta e múltipla, o que traz oportunidades mas também riscos, o que deveria ser um item a ser trabalhado com este público, não só por meio de um programa de educação para a comunicação digital e em rede, como também uma formação para promoção de práticas em educomunicação, a ser desenvolvido em algum contexto particular, como para uma turma de alunos e alunas, ou, mesmo, para um projeto comunitário.

Sobre a criança, diz a professora Elza Dias Pacheco que

Mas conhecer a criança é pensá-la não apenas numa perspectiva evolutiva e etária. Conhecer a criança é pensá-la como um ser social determinado historicamente. Conhecer a criança é pensá-la num tempo e num espaço, interagindo dinamicamente, influenciando e sendo influenciada. Conhecer a criança é pensá-la como um ser de relações que ocorrem ao nível da família, da sociedade, da comunidade. É conhecê-la em casa, na escola, na igreja, na rua, no clube, em seus grupos sociais, nas “peladas”, enfim, em todas as suas atividades. Vendo-as sob todas essas óticas os adultos não lhe perguntariam mais “O que você vai ser quando crescer?”. Eles veriam que a criança é um ser histórico que produz cultura, que a criança pensa, que

a criança sente o canto dos pássaros, o ronco dos carros e dos aviões, o zumbido dos insetos, o farfalhar das folhas, a cor e o perfume das flores. Mas ela sente também outras [...] a dor, a fome, o frio, a poluição, a violência, a injustiça. Ela sente e sofre [...]. (PACHECO, 1996)

Depois de oito anos da defesa da referida tese, e tendo recentemente ingresso, por meio de concurso, na ECA-USP como docente no curso de Licenciatura em Educomunicação, elaborei para o Plano de Carreira a proposta de retomar as articulações entre os conhecimentos que havia acumulado nesse percurso, em especial, entre dois elementos centrais: a educomunicação e a cultura infantojuvenil.

A educomunicação está presente como um paradigma constituído por noções-chave, princípios e fundamentos específicos sobre os fenômenos decorrentes da interface entre Comunicação e Educação. Trata-se de promover uma comunicação educativa a partir dos referenciais da educomunicação, por meio da criação e/ou fortalecimento de ecossistemas comunicativos democráticos, abertos, múltiplos e diversos, inclusivos, colaborativos e coletivos. Depois de duas décadas de sua sistematização por meio de uma pesquisa realizada pelo NCE – Núcleo de Comunicação e Educação da USP, a educomunicação alcançou o reconhecimento nacional e internacional de sua existência e de sua particularidade como perspectiva teórico-metodológica latino-americana sobre a interface entre Comunicação e Educação, e sobre que tipos de práticas e valores sociais se quer promover junto a diversas situações do cotidiano, como no ensino, na saúde, no meio ambiente, enfim, em todas áreas da existência humana em que a comunicação e a educação acontecem.

A educomunicação é tomada também como prática social com forte potencial educativo e que se constitui, hoje, em tecnologia social inovadora, conforme reconhecido recentemente (agosto de 2018) pela própria USP, com o Prêmio USP Trajetória pela Inovação, concedido pela Pró-Reitoria de Pesquisa e pela Agência USP de Inovação ao Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, representante na área de Humanidades.

O prêmio se deveu à ressignificação do conceito a partir de pesquisa aprofundada sobre a prática profissional de 176 pessoas em

12 países da América Latina, e a criação de técnicas e de métodos para sua aplicação em diversos contextos da sociedade, de forma inédita e inovadora, chegando a se constituir como campo de trabalho e de pesquisa, a embasar a criação de novos cursos na academia e fora dela, e a se tornar conhecimento teórico-prático que incidiu na elaboração de políticas públicas em diferentes áreas e níveis de governo.

Que tipo de comunicação e que tipo de educação estamos a tratar? A educomunicação está preocupada com os processos políticos e éticos que estão presentes, ou que deveriam estar, nas práticas comunicacionais e educativas da sociedade. Trata-se de não só entender a comunicação como um direito humano, conforme está no artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), e a liberdade de expressão como fundamental para a existência humana e da democracia como modelo político, visando preparar o cidadão para manter e fortalecer esses aspectos. É também tomar a comunicação, existente ou que se quer promover, como eixo essencial para o exercício coletivo e colaborativo de construir-desconstruir-construir sentidos, valores, ações e fenômenos que estão presentes no cotidiano de cada grupo. Nestes contextos em que a comunicação é assim constituída, será potencializada uma certa cultura dialógica e participativa no grupo e vice-versa, numa dialética constante entre os atores integrantes do ecossistema comunicacional em questão, ainda mais que o contemporâneo nos apresenta com as mediações tecnológicas da internet, das redes sociais digitais, enfim, da cibercultura na qual participam cada vez mais pessoas e grupos de forma intensa.

A cibercultura que se tem presente na sociedade brasileira é bastante particular, não só aos modos de ser e viver nas diversas localidades do país, como pela caracterizada estrutura social que prevalece de enorme desigualdade econômica e social, grande concentração de riquezas etc. Por exemplo, temos o Estado com políticas públicas insuficientes para atender as demandas da sociedade, inclusive no que diz respeito a disponibilizar acesso à internet de qualidade nas escolas públicas do país. Mesmo nas grandes capitais do sudeste do país há, ainda hoje, o que melhorar nisso, e mais ainda em outros muitos aspectos decorrentes da presença e uso das TICs – Tecnologias de

Informação e Comunicação, e seus produtos no cotidiano de todos, não só de crianças e jovens.

Do convívio com a mídia ao protagonismo crítico

O título deste bloco é parte do nome da disciplina de pós-graduação em Ciências da Comunicação, que criei em 2015 e que retrata bem a materialização de meu percurso como pesquisador e docente, intitulada “Educomunicação e Cultura Infantojuvenil: do convívio com a mídia ao protagonismo crítico”. Este título, está aqui novamente, agora com sua parte em destaque porque representa o foco da problemática teórico-metodológica promovida pela disciplina em questão, e porque demonstra a perspectiva de estudos e análises sobre a relação entre os sujeitos criança e jovem com a mídia e as TICs, de maneira bastante coerente com a evolução das pesquisas e produções científicas a respeito, em especial na ECA-USP e, também, com algumas vertentes científicas no Brasil e no mundo.

A disciplina apresenta uma abordagem antropológica sobre a presença das mídias e das TICs no cotidiano, superando perspectivas de ataques ou defesas a respeito, sobretudo quando se trata de educação e cidadania. Busca-se perceber sobre quais usos são feitos delas pelas crianças e jovens, com que objetivos e com que resultados, considerando um contexto cultural amplo, dinâmico e dialético em que se vive.

E por compartilhar da perspectiva dialética, sobre a atuação da criança e do jovem na sociedade, e de sua capacidade criativa, a disciplina estimula o discente a observar o protagonismo crítico como parte importante do fenômeno e, mesmo onde ele se dá em ecossistemas comunicativos favoráveis, é sempre preciso buscá-lo, ter a intenção de promover processos comunicativos que levem seus atores a processos de educação sobre, para e por meio da comunicação, modelados por princípios humanistas e democráticos a serem valorizados e promovidos.

O senso de que se tem sobre a criança, sobretudo, mas também sobre o jovem, de que são seres incapazes de entender e, por isso,

de se defender de algum risco na realidade cada vez mais violenta e tumultuada no cotidiano, agora, também permeado pelos meios e conteúdos digitais da web e seu mundo, ainda prevalece. A questão em si não está em não defender as TICs ou não se preocupar com os riscos que eles estão correndo ao usá-las, mas sim partir do pressuposto de que são seres incapazes de ter pensamento crítico, de serem capazes de aprender e entender a respeito das tecnologias e seus serviços e produtos. Tomando-se este caminho de pensamento, tendo a cultura digital e em rede que se tem hoje, a lógica seria completamente equivocada, mais uma vez, ao supor que o adulto, por ter as capacidades cognitivas definidas e o caráter estabelecido, saberia automaticamente como lidar com tais riscos, produtos e meios tecnológicos. Um engodo pensar assim, muito pelo contrário, pois se observa que muitas crianças e jovens têm mais conhecimentos a respeito do assunto, chegando a ensinar os mais velhos, como os próprios avós, a usarem celulares e seus aplicativos, por exemplo. Por outro lado, nota-se também como falta às crianças e jovens, e aos adultos também, sabedoria no uso de tecnologias que lhes ajudam na existência cotidiana contemporânea, e como a educação midiática e a educomunicação, em especial, podem colaborar nisso.

Na verdade, trata-se de entender que a relação dialética e criativa de crianças e jovens com a realidade, mediada pelas tecnologias digitais e em rede a que se tem acesso, precisa ser objeto não só de melhor compreensão, mas também se tornar conteúdo a ser estudado e aplicado nos processos educativos próprios dos contextos domiciliar e escolar e em outras situações do cotidiano dessa parte da população, como clubes, igrejas, comunidade etc. Ou seja, isto quer dizer que além das ações fora da escola em busca da educação para uso criativo, crítico, coletivo e democrático das tecnologias e meios de comunicação e informação disponíveis na sociedade, é preciso que dentro das escolas e instituições promotoras de processos educativos, que não só utilizem tais recursos, mas que se promovam processos de formação de sujeitos capazes de exercer e fortalecer suas práticas de cidadania no ciberespaço também, e de modo responsavelmente articulado ao vivido na dimensão real do cotidiano. Seria a educação para e pela comunicação crítica e responsável coerente ao contexto de cibercultura.

Assim, além de pensar em riscos e oportunidades quando observamos os usos de TICs por crianças e jovens, e quando pensamos em como educar para atuar nesses contextos, prevalecem modelos de educação para o uso competitivo das TICs, muito contaminado pela função da escola como formadora do sujeito para o mercado de trabalho, por exemplo. No entanto, as crianças e jovens já usam de múltiplas formas tecnologias de comunicação e informação no seu cotidiano, produzindo cultura, diversas e diferentes, conforme região geográfica, nível socioeconômico e muitas outras variáveis.

Pesquisas sobre crianças e jovens no contexto da cibercultura, na perspectiva da educomunicação

No decorrer dos anos em que a referida disciplina foi oferecida, parte dos exercícios que os discentes faziam era dedicada à realização de uma pesquisa científica sobre a temática em diálogo com teorias abordadas nos estudos indicados na disciplina, e com dados de pesquisa sobre a temática com legitimidade para servir de referências nas análises e para as sínteses epistemológicas alcançadas pelos discentes da disciplina.

Ao final de cinco anos, a partir dos *papers* apresentados pelos discentes com o resultado de suas pesquisas e análises, conseguimos captar recursos para a produção de um e-book e livro impresso com 17 capítulos, oriundos dos *papers* selecionados e qualificados por três pessoas: eu e duas discentes especiais, Michele Marques e Juliana Medeiros. A obra está disponível na web, hospedada nos sites da ABPEducom – Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação¹¹ e do NCE-USP¹².

Foram definidos critérios para a realização pelos discentes da referida disciplina, da experiência investigativa sobre a relação entre crianças e jovens com a internet e a mídia, sendo a proposta ir além de observação e análise de situações e documentos referentes

¹¹ ABPEducom. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/>

¹² E-book *Cultura Infantojuvenil na perspectiva de Educomunicação* (2020). Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/book/26>.

ao tema. As investigações realizadas pelos autores dos capítulos desta obra também foram feitas em importantes bancos de dados sobre temas relacionados, e o desafio ao analisarem dados observados no microcosmo pesquisado por eles, foi o de contextualizá-los com o macrocosmo por meio de dados retirados de pesquisas com amostras de sujeitos pesquisados bem maiores e representativas. Para tanto, adotou-se o Cetic.br – Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade e Informação, órgão de pesquisa do Comitê Gestor da Internet, existente desde 2005, para, desse banco de informações a respeito do tema, se extrair dados para a análise contextualizada e relativa ao investigado.

Em 2012, fui convidado pelo Cetic.br, como representante da ONG CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária, para integrar o fórum de especialistas sobre internet, educação, criança e jovens, pelo fato de naquele ano estar na coordenação de um projeto educativo pela internet de sucesso já por cinco anos, coordenado por essa ONG e financiado pela Fundação Telefônica. Foi o projeto Comunidade Virtual de Aprendizagem Minha Terra, que reuniu num mesmo ambiente virtual e por meio de atividades orientadas a distância, cerca de 10 mil participantes, 80% estudantes de escolas públicas de todo o país.

Desde então, participo de encontros anuais promovidos pelo Cetic.br entre especialistas de diversas instituições da universidade pública, de centros e institutos de pesquisa e de formação, órgãos públicos federais e de diversas áreas, também representantes de organizações internacionais envolvidas com as temáticas, como a ONU e a UNESCO. Os grupos temáticos dos quais passei a participar, desde então, são o TIC Educação¹³ e o TIC Kids Online¹⁴, que me permitiram entender melhor sobre os processos de pesquisa de amostras significativas, como o número, a distribuição e a representatividade de sujeitos nas pesquisas.

13 TIC Educação. Disponível em: <https://www.cetic.br/pesquisa/educacao/>.

14 TIC Kids Online Brasil. Disponível em: <https://cetic.br/pesquisa/kids-online/>.

A aproximação também se deu entre as pesquisas, publicações e eventos promovidos pelo Cetic.br e a disciplina da pós-graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP, por mim ministrada a partir de 2015. Desde 2016, passou a ser parte do programa da disciplina “Educomunicação e Cultura Infantojuvenil: do convívio com a mídia ao protagonismo crítico”, estudar e utilizar as informações disponibilizadas na plataforma do órgão. Por serem fontes de extrema qualidade e diretamente relacionadas ao objeto de estudo da disciplina em questão, os discentes passaram a ter como desafio desenvolver investigação, como já apresentado acima, e relacionar os resultados dos estudos bibliográficos e de campo com dados das pesquisas do Cetic.br, dos dois temas de pesquisa destacados aqui, TIC Educação e TIC Kids Online.

Ainda por oportunidade dessa aproximação, antes das vivências da referida disciplina com os dados disponibilizados por ambas as pesquisas do Cetic.br, lançou-se o desafio de aplicar a perspectiva educ comunicativa na interpretação e no questionamento sobre o painel social desenhado pelas pesquisas de significativas amostras de sujeitos específicos. O primeiro se deu, em 2013, com a publicação de artigo, de minha autoria em coautoria com o Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, intitulado “Pais, filhos & internet: a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012, na perspectiva da Educomunicação”¹⁵, em que apresentamos análises a partir dos resultados da pesquisa Tic Kids Online Brasil 2012 e problematizamos sobre os resultados a partir do paradigma da educ omunicação.

Na mesma perspectiva, outro exercício de análise de resultados pesquisados do Cetic.br deu-se, em 2015, com a publicação do artigo de minha autoria, no livro *TIC Educação 2014*, intitulado “Pesquisa TIC Educação 2013 e os caminhos a percorrer na prática educ comunicativa em contextos da cibercultura”¹⁶, onde apresentam-se desafios a serem

15 *TIC Kids Online 2012*, 2012. p. 47. E-book. Disponível em: <https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-kids-online-2012.pdf>.

16 *TIC Educação 2014*, 2014. p. 77. E-book. Disponível em: https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Educacao_2014_livro_eletronico.pdf

enfrentados em razão do contexto desenhado pela pesquisa em questão e para os quais as práticas e os princípios da educomunicação são indicativos de caminhos possíveis para o enfrentamento criativo de tais desafios.

Por isso, o objetivo é compreender melhor a respeito da presença das TICs e dos usos que crianças e jovens fazem de produtos culturais, sobretudo os digitais e em rede, e isso se tornou um desafio compartilhado com os discentes da referida disciplina desde 2016. A partir do segundo mês do cronograma das aulas, as bases de dados do Cetic.br são utilizadas para as análises, são objeto dos estudos apresentados pelos discentes durante as aulas, no mesmo período em que ocorrem a pesquisa de campo com grupos definidos de crianças e jovens, que se debruçam sobre análises de conteúdos e discursos de produtos midiáticos relacionados ao uso por crianças e jovens, tendo o paradigma da educomunicação presente.

Enfim, continuamos o percurso acadêmico ampliando e aprofundando os estudos sobre as infâncias e juventudes contemporâneas e a partir do contexto brasileiro, tendo a educomunicação como referência teórico-metodológica e objeto de conhecimento sobre o fenômeno da interface entre comunicação e educação, calcado em princípios humanistas e consciência crítica e comprometida com o bem-estar coletivo.

A partir de 2022, passei a orientar dois pesquisadores no PPG-COM na categoria de mestrado, e com eles já estamos trilhando uma fértil parceria no campo da pesquisa sobre cultura infantojuvenil, cibercultura e educomunicação. Em novembro do mesmo ano, realizaremos o IX Encontro Brasileiro de Educomunicação, cujo tema gerador é “Práticas Sociais e Tecnológicas pelos Direitos Humanos e Direitos da Terra”¹⁷, que reuniu 32 especialistas, gestores e lideranças no assunto, 70 trabalhos apresentados e 230 inscritos em evento virtual promovido pela parceria entre ABPEducom, NCE-USP, Instituto Palavra Aberta, Universidade Federal de Campina Grande, onde foi sediado o evento, que contou com cerimônias presenciais, tanto na abertura como no encerramento.

¹⁷ IX Encontro Brasileiro de Educomunicação, 14 a 16 de novembro de 2022, realizado de forma híbrida. Disponível em: <https://www.even3.com.br/ixeducum/>.

Para concluir, não posso deixar de mencionar o fato de ter assumido a coordenação do NCE-USP em 2015, com a aposentadoria do Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares que, desde então, está como presidente de honra do Núcleo, constituído por 40 pesquisadores colaboradores, que nos ajudam a realizar importantes projetos com parceiros. Também atuo fortemente na ABPEducom como Secretário Executivo, desde a criação da Associação, em 2012. Tenho tido oportunidade de participar do rico processo de fortalecimento e crescimento da Associação, que hoje conta com mais de 240 associados de todas as regiões do país, possui seis núcleos regionais e promove intensamente diversas atividades que visam divulgar e trocar experiências a partir da educomunicação, tida como paradigma para entender as interfaces entre comunicação e educação e ampliar a consciência crítica sobre nosso mundo, a partir de nossas maneiras de se portar e interagir neste mundo ou não.

Atualmente, além de eventos e publicações, o NCE e a ABPEducom colaboram em projetos de formação e intervenção social a partir da educomunicação como referência. É o caso do Projeto Educom. Saúde-SP que, há quatro anos (2019-2022), promove formação continuada de cem horas para 800 profissionais da saúde de todo o estado, a fim de qualificar ações de interação destes profissionais da saúde com a comunidade de cada território, em razão das ações sanitárias necessárias para prever dengue, chikungunya e zika, epidemias que dependem muito da mudança de atitudes e comportamento das pessoas para serem coibidas, muito além de só estar informado a respeito do problema. E a educomunicação tem se mostrado, mais uma vez, se tratar de um conjunto de práticas e concepções sobre a comunicação coletiva, participativa e significativa para as pessoas envolvidas nos projetos, o que se torna uma maneira de fomentar a mobilização social em torno de temas e causas realmente de interesse humano e social, como os direitos humanos e a saúde do meio ambiente, para o direito de desfrutar do bem viver em nosso lar, a Terra.

Referência

- PACHECO, E. D. (Org.). **O desenho animado na TV: mitos, símbolos e metáforas**. São Paulo: LAPIC; ECA-USP; CNPq; FAPESP, 2000.
- PACHECO, E. D. (Org.). **Televisão, criança e imaginário: contribuições para a integração escola-universidade-sociedade**. São Paulo: LAPIC – Laboratório de Pesquisa sobre Infância, Imaginário e Comunicação; Escola de Comunicações e Artes da USP, 1997.
- PACHECO, E. D. **Das representações da infância no imaginário social, à criação de uma linguagem mítica**. São Paulo: LOGOS Intercâmbio, 1996.
- SOARES, I. O. A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato**, Brasília, ano 1, n. 2, jan./mar. 1999. Disponível em: http://www.nceusp.blog.br/wp-content/uploads/2018/10/IsmarSoares_RevContato_1999.pdf.
- VIANA, C. E.; MEDEIROS, J. P. S.; PEREIRA, M. M. (Org.). **Cultura infantojuvenil na perspectiva da educomunicação**. São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação e Palavra Aberta, 2020. ISBN 978-65-87460-01-7. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/book/26>.
- VIANA, Claudemir Edson. **Pesquisa TIC Educação 2013 e os caminhos a percorrer na prática educacional em contextos da cibercultura: TIC Educação 2014**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Educacao_2014_livro_eletronico.pdf.
- VIANA, C. E.; SOARES, I. O. Pais, filhos e internet: a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012, na perspectiva da educomunicação. In: BARBOSA, A. F. (Coord. edit.). **TIC Kids Online Brasil 2012**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013. Disponível em: <https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-kids-online-2012.pdf>.
- VIANA, C. E. Minha terra: diversidade cultural e sustentabilidade em práticas educacionais pela web. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 14, n. 1, p. 123-136, 2011. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>.
- VIANA, Claudemir Edson. O lúdico e a aprendizagem na cibercultura: jogos digitais e internet no cotidiano infantil. 2005. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27134/tde-02102007-133619/pt-br.php>.
- VIANA, C. E. O processo educacional: a mídia na escola. Dissertação de Mestrado (Escola de Comunicações e Artes) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27134/tde-02122007-214731/pt-br.php>.